

# OLHARES SOBRE A PAISAGEM. O SUSCITAR DA IMAGEM

MARCO AURÉLIO ALVES DE OLIVEIRA<sup>1</sup>

Resumo: a paisagem é compêndio de uma classe muito difusa de atores e de pesquisadores. Desde estudos estéticos até as mais avançadas abordagens sociológicas, históricas e ambientais. Este artigo explora as perspectivas da leitura, interpretação e os filtros que delineiam nossas relações com as paisagens.

Palavras-chaves: paisagem, percepção, leitura de paisagens

Abstract: The landscape is a compendium of diffuse actors and researchers class. Since aesthetic studies to advanced approaches sociological, historical and environmental. This article explores the prospects of reading, interpretation and the filters that shape our relations with the landscapes.

Keywords: landscape, perception, reading landscapes

## Os desafios do aporte a paisagem

Qualquer abordagem que se lance sobre as paisagens, suas leituras, interpretação representa desafio de grande monta. Os pressupostos teóricos e metodológicos trafegam por um sem número de campos científicos, educacionais, neuropsicológicos e tantos outros. No entanto, o enfrentamento é primordial para a eclosão de novas referências metodológicas para a elucidação das posturas que possam redescobrir olhares sobre a paisagem.

Como uma das categorias espaciais, a paisagem é vista como um objeto da geografia. Sauer (apud Holzer, 1996:22) diz que a *disciplina morfológica habilita a organização dos campos da geografia como ciência positiva. Uma boa parte dos significados da área estão além dos regimentos científicos. A melhor geografia nunca deixou de contemplar as qualidades estéticas da paisagem, para o qual nós não conhecemos outro método que não seja o subjetivo.*

A paisagem não é, está. Essa frase corrobora os fundamentos de Santos (1982:38), quando afirma que é o resultado da acumulação de tempos, em que, com propriedade, pode-se afirmar que a particularidade de sua identidade tanto é dependente desta acumulação temporal como é transformadora dela, aí respeitadas todas as categorias – física, química, social, biológica, geológica, histórica, simbólica – que organizam seus significantes.

---

<sup>1</sup> Geógrafo, mestre em ciências naturais <Geografia Física> pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo; Coordenador de Extensão e de projetos de voluntariado no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo; Professor de disciplinas ambientais e de geometrias superficiais (topografia); Diretor-presidente do Instituto Neotropical de Educação e Ciências Aplicadas.

Dessa postura, recorta-se a expectativa da dinamicidade a que as paisagens se submetem na história e no espaço. Dos mecanismos de análise e interpretação das paisagens, o dote artístico reinou como mais significativo, levando-se em conta que nossa capacidade de interagir com as paisagens reside na erudição de nossos filtros visuais e nossas habilidades em apreciar, verbalizar a respeito, estabelecer comparações e ou dar nomes a acidentes morfológicos.

Na história dos estudos sobre as paisagens, seu aspecto visível sempre foi o preponderante e ainda se sobressai nos conceitos mais amadores. É evidente que um complexo de feições visuais, que atingem aos olhos devem ser o grande atributo para se encaminhar um conceito uma postura. No entanto, reduz o problema a uma simples relação de objeto e observador, em que as paisagens que *acumulam tempos* nos dão o privilégio de patrimônio, de testemunhas de grandes processos criados por homens ou pela natureza.

A fuga ao conforto da simples observação consiste em traduzir suas causas. Para isso, pode-se destacar a preciso e necessário esforço no sentido de reconhecer suas dinâmicas, seus movimentos, suas revoluções. Este olhar acadêmico institui os cuidados fundamentais para conceber paisagens livres de propriedade desta ou daquela sociedade, deste ou daquele tempo e seus conflitos temporais. Assim como, é irresponsável crer na capacidade desta cultura e de sua competência crítica, deter a habilidade e/ou competência crítica para decidir seus destinos.

O ato de observar simplesmente não aumenta a acuidade sobre o tema, tampouco, aumenta os efeitos sobre os interlocutores ou expectadores. Assim como, analisar os registros do passado reúne sensível limitação. A relação entre o pesquisador e o objeto é mediada por frieza e autoritarismo, pois seus inventários e registram captam o que a paisagem permite que o façam, o que está posto aos olhos nesse instante, objetiva ou artisticamente. Desta feita, dá-se o apoderamento do discurso reducionista e particular, isento de métodos claros. Outras vezes reserva-se um padrão erudito de quantificação e qualificação que relata tudo o que se vê estampado e, de forma empírica, percebe suas mecânicas, sistemas e aparências associados a grandes analogias de formas, fatos e teorias.

O aspecto visível está enraizado e convencionado na concepção da paisagem. Assim, formas, linhas, cores, texturas e volumes compõem as condicionantes adjetivas do que se dispõe aos olhos. A leitura destes aspectos impescinde de método. O “olhar inocente é cego” (Duncan, 2004 apud Correa e Rosendahl) pois o visível é fração ou resultado ou ambos. Assim, a compreensão da fração depende de excelente leitura do todo, além da tradução das forças envolvidas na produção dos conflitos e contradições. Isso para poder digerir os resultados.

Cabe aqui relativizar as propriedades envolvidas na observação. Há que se problematizar as exclusividades da observação dos atributos da paisagem, pois a simultaneidade se faz presente involuntariamente demais sentidos. Segundo Bartley apud Rodrigues (2001), o mundo externo é assimilado ao mesmo tempo por dez modalidades sensoriais, a visão, a audição, o tato, a temperatura, a sinestesia, a dor, o gosto, o olfato, o sentido vestibular e o sentido químico comum. Quanto mais complexa essa apropriação de dados maior sua complexidade perceptiva.

Yi Fu Tuan (1980:10), geógrafo sino-americano afirma que o que ouvimos tem mais poder que o que vemos, ao comparar as repercussões desses processos nas propriedades perceptivas. Relativiza os ordenamentos dos processos e utiliza argumentos que demonstram inusitados resultados, atesta o emaranhado dos sentidos e seus reflexos. Estima que uma simples caminhada por uma trilha, pisando o solo, tocando as árvores, roçando as folhas, o caminhante, movido pelo sentido sinestésico, amplia suas sensações, enriquecendo sua experiência com a paisagem.

Cada sentido se especializa em captar uma parte da realidade. Além destes sentidos acrescentam-se a experiência individual e a bagagem cultural que o indivíduo acumula durante a sua vida, além de suas emoções, dos seus valores e atitudes. Portanto, ler e perceber a paisagem é muito mais complexo do que simplesmente vê-la. Envolve uma visão de mundo, consciente e inconsciente, sempre subjetiva e permeada pelo imaginário” (Rodrigues 2001:109)

O desafio do método deve residir aí, explorar o que desvela e o que omite, às vezes pela posição do observador, outras por aquilo que conscientemente não é possível explicar. Mas podemos afirmar que a paisagem tanto é interpretada como produto, como também uma representação de si mesma, com perspectiva possível do encantamento e da sedução, do qual, a acumulação de tempos é um precioso ingrediente.

A percepção, em seu processamento, proporciona ao indivíduo a interação com o seu meio, permite também a elaboração de respostas às mudanças, de forma apropriada e proporciona a acomodação aos conflitos que o meio oferece, daí evidencia-se a cognição e a inteligência elaborada. Assim, as percepções são os subsídios essenciais para que se possa mapear as atitudes e as motivações individual ou culturalmente numa determinada sociedade e seu tempo.

A cada sociedade, a cada cultura, a cada época facultam-se processos interpretativos (objetivos ou não) e perceptivos, aos quais cumprem a concretização de suas marcas, suas digitais. Assim, o jogo das relações de integração, de contradição, de interdependências e adversidades instalam mecanismos a partir dos quais percebem-se as várias paisagens pelo mundo. Todas essas

aventuras da história apoiam a sustentação de ideias de patrimônio, de estabilidade e fortalecem as demandas por compromissos acadêmicos.

As dimensões de análises das paisagens remetem a revisões de escalas temporal e espacial. Nas escalas do tempo, o geológico é sinuoso e instigante. De longe, suplanta em tudo às escalas humanas. As dimensões cronológicas, no tempo da Terra, estão na ordem dos milhões e bilhões de anos. Desta feita, alude à expectativa de identificar em que plano se quer ver o papel dos fenômenos geológico e climáticos e avaliar, portanto, a importância dos tectonismos, diastrofismos, soerguimentos e falhas, fatores endógenos, conflitando com agentes de erosões como dinâmicas atmosféricas, deslocamentos das águas do continentes e marinhas, acrescidas das ações, vida e mortes entre os seres da biota. Enfim, exige-se os mesmos tratamentos acadêmicos dados ao culturalismo das paisagens também repercute sobre as análises naturalistas, origens, texturas, sinuosidades, cíclicas, performance visual.

### **A paisagem pode ser e é o que representamos dela**

É inegável que os lugares, os territórios, as regiões e as paisagens participam da ordem que acomodam os conflitos da sociedade e as integrações destas para com a natureza ou para com o espaço. Porém, cumpre perguntar como as paisagens são evocadas ou transmitidas ao acesso visual e ao aprendizado de quem as exige.

As representações das paisagens se fazem por elas mesmas. As paisagens são imagens de si mesmas. Nos mapas confundem-se com uma inserção num mundo percebido, registrado ou compreendido pelo criador da linguagem gráfica. Não há aqui a intenção de atestar que um produto cartográfico é obra puramente imaginada, desprendida do real, porém cumpre-nos lembrar que *a representação gráfica sempre é uma versão limitada da realidade, sendo, portanto, uma abstração*, ou ainda uma abstração de ideias sobre a realidade. (Vasconcellos, 1993: 21)

Ora não pretende-se buscar o estruturalismo que esclarece ou organiza o processo da absorção de informações por intermédio das imagens, particularmente das imagens cartográficas, pois

(...) não sei se é possível algo como um sistema coerente para ler as imagens similar aquele que criamos para ler a escrita (um sistema implícito no próprio código que estamos decifrando), talvez, em contraste com um texto escrito no qual o significado dos signos deve ser estabelecido, antes que eles possam ser gravados na argila, ou no

papel, ou atrás de uma tela eletrônica; código que nos habilita a ler uma imagem, enquanto impregnado por nossos conhecimentos anteriores, é criado após a imagem se constituir \_ de um modo muito semelhante àquele com que criamos ou imaginamos significados para o mundo a nossa volta, construindo com audácia, a partir desses significados, um senso moral e ético para vivermos. (Manguel, 2001)

O desenvolvimento da *leitura* das imagens gráficas cartográficas, segundo ampla gama de autores, é o que evidencia a eficácia na transmissão da informação espacial. Ainda que não exista absoluto domínio do processo e das condições pelas quais a subjetividade pode inferir, são indicadas as possíveis fases pelas quais se estrutura, como a detecção das figuras, o reconhecimento primário, o reconhecimento secundário e o ensaio.

Entende-se que as respostas fisiológicas aos estímulos apresentados permitem o sentir dos símbolos. Assim, os fatores que interferem na leitura, como a detecção e discriminação são passíveis de limites, como:

- ✓ Ambiente do usuário;
- ✓ Características do usuário;
- ✓ Apresentação física da imagem;

Porém, se considerar-se o processo de integração leitor-usuário, como de fato está-se colocando, como uma leitura, ela de fato somente ocorre após a decodificação, quando da *transliteração* dos símbolos com os da legenda, ou da memória do usuário. Permite-se, assim, a verbalização pela integração de símbolos em combinações familiares, como no caso dos mapas topográficos, cujo reconhecimento dos arranjos das curvas de nível apresenta uma forma específica do terreno.

Embora tenha sido montada uma hierarquia de operações de *leitura*, essas não são executadas em sucessão precisa, podem acontecer simultaneamente. O tempo de execução de uma operação pelo leitor para decodificar mapas, ou parte deles, depende do propósito para o qual ele utiliza esses materiais. Somente o leitor experiente compreende os padrões de superfície com agilidade, chegando até a sua visualização, com construção de conceitos acerca da paisagem, mesmo a partir de um mapa, pois é capaz de interpretar padrões definidos, reconhecendo a classe de objetos simbolizados no mapa e as suas relações com outros objetos.

Morrison (apud Board, 1994) observa que a leitura termina com a cognição da informação, por consequência, a interpretação que orienta as ações do usuário ocorre no campo cognitivo do

leitor e não casualmente no campo da comunicação. A leitura de mapas, como a de textos, é cumulativa e cada ato de sentir resulta em referência a cognição de quem a faz.

Segundo Piaget (1965), a consciência absorve os movimentos da realidade, assim como suas representações, mediante o desenvolvimento de esquemas mentais de assimilação e mecanismos mentais de acomodação, que, em conjunto, proporcionam elaboração de processos de adaptação à realidade. Assim, se duas pessoas forem colocadas diante de uma mesma realidade, não se obterá um mesmo significado a esse respeito, pois suas respectivas consciências ou inteligências evoluíram por intermédio de experiências diversas no contato com a realidade objetiva. Afinal, “(...) a consciência é um reflexo da realidade objetiva e, por conseguinte, a consciência individual como a social são consciências históricas”. (Pinto apud BORDENAVE & CARVALHO, 1979:71)

Não é pretensão deste artigo avaliar a linearidade — ou o inverso — do processo de absorção de informações por meio de representações de paisagens, pelo qual ganha destaque a leitura (ROBINSON & PETCHNIK, 1976) ou uso (SIMIELLI, 1993; PRAVDA, 1996), mas prefere-se aqui o termo visualização, segundo a qual não são isoladas unidades mínimas de significado no manuseio das mesmas, como na comunicação verbal, com letras e sinais, que formam palavras e parágrafos, enfim o texto. Logo, a dimensão da absorção dos conteúdos tem relação com a percepção visual.

Mas sabe-se que muitos dos produtos cartográficos, por si só, condicionam suas leituras a maiores ou menores habilidades de domínio do usuário, ou seja, exige-se do leitor que se disponha à leitura provido de certos repertórios e habilidades. Quando a exigência é menor, dizemos que a leitura acontece no nível dito *elementar*, que acontece quando se percebe a imediata relação biunívoca entre cada unidade territorial e seu valor específico, donde não é exigido nenhum processamento mental mais elaborado (SANCHES, 1981:77). Além do nível *elementar*, há os níveis *médio* e *complexo*. A distinção entre esses níveis está nas características do produto gráfico e não nas formas pelas quais o leitor absorve as informações. Nesses casos, os dados são submetidos a diferentes níveis de processamento, visando “possibilitar visões sintéticas, muitas vezes, resultantes e complexas que mostram as características e tendências gerais assumidas pelo fato ou fenômeno representado”.

A distinção da forma é, necessariamente, uma operação ativa, que leva sempre a uma distinção entre ela e o fundo, ou seja, só se pode reconhecer aquilo que já foi previamente observado, pois somente as mentes treinadas têm condições de fazer surgir dos desenhos, os objetos imaginários. Assim, presume-se, na base da leitura, a imaginação e a memória (FRANCASTEL,

1983:166/7). Para ser lido, qualquer signo exige um esforço de reconhecimento, que entende-se a partir das primazias e das preferências dos modelos tridimensionais, das visões oblíquas, na expressão espacial.

Diga-se que a escolha por essa ou aquela modalidade de expressão espacial seja sobretudo uma necessidade topológica, pois uma das abordagens necessárias para essa análise é o fato de que a percepção intelectual, que restitui a sensação direta do espaço não é imediata, pois exige-se a experiência ou a necessidade para que se construa a sensação direta do espaço, a partir daí deva se levar a outras viagens no mundo do imaginário e da aprendizagem ou cognição.

É um fato que as decisões e conclusões que se desenvolvem acerca do espaço são testemunhas de que ele é entendido como um fato da natureza, logo, naturalizado por intermédio da atribuição de sentidos cotidianos comuns. Segundo Harvey (1999:188), o espaço é,

Sob certos aspectos, mais complexo do que o tempo. Tem direção, forma, área, padrão e volume como principais atributos, bem como a distância, o espaço é tratado tipicamente como um atributo objetivo das coisas que pode ser medido e, portanto apreendido. Reconhecemos, é verdade, que a nossa experiência subjetiva pode nos levar a domínios de percepção, de imaginação, de ficção e de fantasia que produzem espaços e mapas mentais como miragens de coisa supostamente real. Também descobrimos que sociedades ou subgrupos distintos possuem concepções de espaços diferentes.

Harvey (1999: 201) assinala que as ordenações simbólicas do espaço e do tempo formam a estrutura necessária para a experiência, mediante a qual se aprende quem ou o que se é na sociedade. Acrescenta que, se por um lado, as imagens de paisagens do período das navegações eram dotados de objetividade, praticidade e funcionalidade, como na instalação de fronteiras políticas, direitos de passagem e de transporte, por outro, eram privados de todos os elementos de fantasias e de crenças religiosas, tornando-os verdadeiros sistemas abstratos, funcionais para organização fatural de fenômenos no espaço, e com rigores matemáticos em suas descrições.

Urry (1996) é enfático na idéia de que os símbolos são responsáveis pela contextualização do espaço por intermédio do seu reforço simbólico. O fato de se ver um objeto único, a Torre Eiffel, o Empire State, o Palácio de Buckingham, o Grand Canyon, o local do assassinato de Kennedy, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar etc. São famosos por serem famosos, mesmo tendo perdido a base de sua fama, é o caso do Empire State, que já não é o prédio mais alto de Nova York, mas ainda atrai cerca de dois milhões de visitantes por ano. O modo de olhar indica o quanto a leitura de paisagens, de certo modo, pode tornar seus usuários grandes praticantes de semiótica, lê-se a

paisagem à procura de significantes e de certos conceitos ou signos pré-estabelecidos, que derivam dos vários discursos da viagem e sua atratividade em síntese. (Urry, 1996:29)

## **Considerações finais**

A paisagem é tema que merece toda a atenção de inúmeros segmentos da academia. Todas as pesquisas, textos abordagens atinentes ao tema reforçam as necessidades de adentrar o universo da paisagem para que o mesmo frequente com maior rigor as leituras e suas inflexões no campo do pensamento.

Sem desprezar seu valor histórico, artístico e estético. As paisagens ainda depende de outras tantas abordagens, sobretudo as que se valem da sua conservação, pontuando mecanismo técnicos referenciais que possam dar suporte às legislações e a órgãos de gerenciamento e fiscalização, tendo em vista seu valor ambiental e seu comprometimento para a qualidade de vida e garantias de proteção contra os riscos especulativos sobre a terra e desvios imediatos de setores da administração pública.

## **Referências**

BERTIN, J. **Sémiologie Graphique: Les Diagrammes, Les Réseaux, Les Cartes**. Mouton e Gauthier – Villars. Paris, 1967.

\_\_\_\_\_. **A Neografia e o Tratamento Gráfico da Informação**, Editora da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1986.

\_\_\_\_\_. **Teoria da comunicação e teoria da representação gráfica**. GEOCARTOGRAFIA. São Paulo: Gecart / Departamento de Geografia USP. vol. 13. 1978.

\_\_\_\_\_. **Ver ou Ler**. Seleção de Textos, São Paulo – AGB, nº 18. 1988. p. 41.

BOARD, Christopher. **Cartographic communication**. Cartographica, nº 18. 1981.

\_\_\_\_\_. **Os mapas como modelos físicos e de informação em Geografia**. São Paulo, EDUSP, 1975.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento de conceitos de comunicação cartográfica com referência especial ao papel do professor Ratajski**. In Seleção de Textos, AGB, nº 18. 1994.

\_\_\_\_\_. **A contribuição do geógrafo para avaliação de mapas como meio de comunicação de informações**. In: GEOCARTOGRAFIA. São Paulo: Gecart / Departamento de Geografia USP. vol. 3. 1977. p. 03-23.

- BORDENAVE, Juan Diaz & CARVALHO, Horácio Martins. **Comunicação e Planejamento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979)
- FRANCASTEL, Pierre. **Imagem, visão e imaginação**. Lisboa: Edições 70. 1983 (226 p.)
- FISHER, H.T. **Thematic Map Design. Laboratory for Computer Graphics and Spatial Analysis**, Harvard University, 1979. (trad. Regina Araújo de Andrade).
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola. 8ª edição. 1999.
- HOLZER, Wrther. **A arte da geografia e os geógrafos humanistas**. In Geografia e Arte. AGB – Niterói; nº 1, junho de 1996.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- NEIVA, E. **Comunicação, teoria e prática social**. São Paulo, Brasiliense. 1991.
- \_\_\_\_\_. **A imagem**. Série Princípios. Ed Ática. 1986.
- PIAGET, Jean. **Psicologia de la inteligência**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1965.
- RODRIGUES, A.A.B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec. 1997.
- SANCHES, Miguel Cesar. **Conteúdo e eficácia da imagem**. Boletim de Geografia Teorética, AGTEO, Rio Claro, nº 11, 1981.
- SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense. 1999. (16ª edição)
- SANTOS, C. **Representação gráfica do relevo: visualização ou leitura?** Trabalho de Graduação Individual (TGI), DG/FFLCH/USP. São Paulo, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O relevo e sua representação gráfica**. VII Simpósio brasileiro de Geografia Física Aplicada e I Fórum latino-americano de Geografia Física Aplicada. Anais, Vol. 1. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1997. p. 48.
- SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. **A representação gráfica da informação geográfica**. Geografia, Agteo, R. Claro. 12 (23) : 1-13, 1987
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1997. (4ª edição).
- \_\_\_\_\_. **Técnica, espaço e tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec. 1994 (p.121-135)
- SIMIELLI, M. E. R. **O mapa como meio de comunicação**. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, Departamento de Geografia. 1986.
- TUAN, Y. Topofilia. **Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel. 1980.
- URRY, John. **O olhar do turista. Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Nobel. 1996.

VASCONCELLOS, Regina A. **A cartografia tátil e o deficiente visual**. Tese de doutorado; Departamento de Geografia da FFLCH-USP. 1993.